

OS PORTUGUESES NO RIO GIUBA

O Giuba é um dos maiores cursos de água que descem da África para o Oceano Índico, passando entre Suez e Moçambique; é o único rio considerável que canaliza directamente para o mar as águas da Etiópia. Resulta da reunião, verificada um pouco acima de Dolo, de três notáveis rios, o Uebi Gestro a norte, o Ganale Doria no centro, e o Dana Parma a sul, rios estes que têm a sua origem no planalto, entre os Borana e os Arussi, e recolhem a maior parte dos cursos de água que descem a oriente dos montes sobranceiros aos lagos meridionais da Etiópia. O curso completo do Giuba é calculado em cerca de 1650 km., ou seja mais de uma vez e meia o Lago; de Dolo à foz vão 875 km. E é imponente a massa das suas águas: em Bordera tem uma largura média de 150 metros, uma profundidade — no período das cheias — de 5 a 6 metros e meio. Nestas condições é difícil penetrar no mar por aqui; isso pode fazer-se somente durante a maré alta, e com mar tranqüilo. Passada a barra, a navegação torna-se possível; os indígenas, com as suas *dlau*, — barcas de grossos troncos de árvores escavados e por vezes com dez metros de comprimento — exercem nêle um intenso tráfego. Por sinal que há alguns anos atrás existia ali um serviço de barco a vapor, de Maio a Dezembro, e eram precisos cerca de vinte dias de viagem para subir o rio, desde Giumba, perto da foz, até Bardera, e uma semana para o descer.

O rio Giuba não é lembrado no *Periplus maris Erythraei*, e parece ter sido ignorado dos geógrafos gregos e latinos. Conheceram-no porém os geógrafos árabes da idade-média: no século X Masudi fala dêle como sendo um ramo do Nilo que descia para o Oceano Índico, formando os confins das terras da Abissínia; e, no século XII, Abulpeda dá-lhe o nome de Nilo Mogadiscio. O verdadeiro nome encontra-se em Yâqût e em aet-Dinishquî. Este último faz a distinção entre pequeno e

grande Giubb. O pequeno Giubb é sem dúvida identificado com o Uebi Scebeli, e o grande Giubb é que é o verdadeiro Giuba ⁽¹⁾.

A exploração do Giuba é glória italiana. Encarregado pela Sociedade Geográfica Italiana, realizou-a o capitão Vittorio Bottego, homem de ferro, dotado de invulgar força física e inextinguível força de vontade. Partiu de Brebera a 30 de Setembro de 1892, com 124 homens, cuidadosamente escolhidos entre as raças mais diversas e mais inimigas entre si, a fim de evitar, durante a viagem, as conjurações e deserções em massa; eram homens afeitos a todos os trabalhos, sobreviventes de todas as guerras, quer na Abissínia quer no Sudão, por vezes com tais precedentes que ninguém os queria receber ao seu serviço. Atravessou de norte a sul toda a Somália. Em 23 de Novembro alcançou o mais setentrional dos rios que formavam, com a sua confluência, o Giuba, e chamou-lhe Uebi Gestro, do nome do naturalista Raffaele Gestro; a 22 de Janeiro de 1893 encontrava o Ganale Guddà, a que deu o nome de Ganale Doria, em honra do presidente da Sociedade Geográfica. Explorou o curso superior dêste rio, ao mesmo tempo que encarregava o capitão Matteo Grixoni, seu companheiro, de explorar o curso inferior. Vindo mais para sul, alcançou em 29 de Abril o rio Dana, por êle chamado Dana Parma, como recordação da sua cidade natal. Era finalmente chegado o momento de pensar no regresso; e a 7 de Setembro ainda se encontrava defronte do mar, perto de Brava. Viagem terrível, devido aos padecimentos, fome e dificuldades que passaram; viagem que espalhou a morte entre as suas tropas. Dos oito homens da raça Galla partidos de Berbera, apenas um chegou a Brava, e êsse um, que tantas vezes fôra ásperamente açoitado, durante o caminho para não se deixar vencer pela fadiga, à vista do Oceano lançou-se aos joelhos do capitão, gritando: «Eu estou aqui vivo devido a ti!» Singular contraste que revela a psicologia de um povo. Um outro Galla, semi-selvagem, que havia sido recrutado durante o caminho, e que contemplava em êxtase a infinita extensão das águas, a quem lhe gritava «Isto é maior que o teu Ganale Guddà!», respondia orgulhoso: «O mar é assim tão grande porque desembocam nêle todos os rios do meu país».

Mas não se pode separar do nome de Vittorio Bottego e de Matteo Grixoni o de um outro valoroso explorador que os

(1) FR. STORBECK, *Die Berichte der arabischen Geographen des Mittelalters über Ostafrika*, Berlin (1914), págs. 20-21.

precedera na árdua empresa e fôra morto ⁽¹⁾. Foi Carl Claus, barão de Von der Decken, nascido em Kotzan (Pomerânia), que se tinha proposto alcançar os grandes lagos equatoriais pela costa do Oceano Índico. Falhada a tentativa feita pela costa do Zanzibar, conseguindo todavia tentar por mais de uma vez a ascensão do monte Kilimanjaro até à altitude de 4.250 metros, procura experimentar o caminho fluvial, o Giuba misterioso. Tentou-o com dois barcos. Perdeu o primeiro, o «Passe-partout», na barra do rio. Parece ter tido melhor sorte com o segundo: subiu a corrente numa área de 300 quilómetros e ultrapassou a vila de Bardera; mas na queda de Le Hele o barco, o «Wolf», encalhou. Von der Decken voltou a Bardera em busca de auxílio: os habitantes acolheram-no amigavelmente, juraram-lhe paz sobre o «alcorão» e pela noite assassinaram-no (1 de Outubro de 1865); foram mortos quasi todos os seus companheiros; e ainda hoje a quilha do «Wolf» emerge das águas correntes do Giuba.

E numa reconstituição cinematográfica do empreendimento de Bottego, que precisamente agora se está fazendo em Itália, é recordado Carl Claus Von Decken. Mas tanto o valeroso italiano como o desventurado alemão parece terem tido um predecessor, sobre o qual se fez o esquecimento e que merecia ser tirado das suas trevas seculares: foi ele um Português.

É sabido que uma das mais estranhas empresas dos Lusitanos nas terras de oriente foi a expedição de D. Christovam da Gama à Abissínia: quatrocentos homens, acudindo ao grito de auxílio da rainha Sabba Unghél, que via o seu reino ameaçado de ruína, sob as armas muçulmanas, transpuseram durante a estação mais quente a tórrida baixa planície que fica a ocidente de Massaua, subiram os Alpes abissínios numa altura superior a 2.400 metros, e, na melhor ordem, lançaram-se animosamente contra o inimigo, combatendo e saindo vencedores. Qualquer pessoa que tenha percorrido aquêl pais deve ter perguntado a si próprio como aquela fileira de heróis portugueses conseguiu chegar ao lago Ascianghi, transportando as suas pesadas armaduras e os seus canhões através de aspérrimas montanhas, por caminhos de cabras, entre inimigos, em países grandemente empobrecidos pela guerra, e para mais sem man-

timentos. E a admiração cresce quando se pensa na formidável organização militar, que, três séculos e meio depois, foi precisa aos Ingleses, ao marcharem contra o rei Teodoro. Se é certo que a chegada de reforços deu aos muçulmanos um momentâneo sucesso, não é menos certo que os sobreviventes portugueses conseguiram aproximar-se do rei da Etiópia e, combatendo, infligir ao Islão uma derrota definitiva. Camões recorda esta façanha:

«Olha lá as alagoas, d'onde o Nilo
Nasce, que não souberam os antigos;
Ve-lo rega, gerando o crocodilo,
Os povos Abassis de Christo amigos;
Olha como sem mouros (novo estilo)
Se defendem melhor dos inimigos;
Vê Merve, que ilha foi de antiga fama,
Que ora dos naturaes Uobá se chama:

Nesta remota terra um filho teu
Nas armas contra os Turcos será claro.
Há de ser Dom Christovam o nome seu;
Mas contra o fim fatal não há reparo.»

Morto o «iman» Ahmed ben Ibrahim, que até então tinha conduzido os muçulmanos à vitória, e disperso o seu exército (24 de Fevereiro de 1543), não poucos Portugueses vaguearam pelas Índias, enquanto outros se ocupavam em serviços definitivos junto do negus. Ora precisamente a respeito dos sobreviventes que por lá ficaram colheu o jesuita Gaspar Barzeo, em 1551, importantes informações, nas quais referia aos seus superiores o que se segue ⁽¹⁾: «tambem ha o Preste guerra com os Cafres (os Gallas), que parece serem da banda de Sofala... Indo hum Portuguez destes con hum capitão do Preste a fazer salto nestes Cafres acharam hum rio que hía sair ao mar, o qual rio sahia de Barbera para Magadaxo; perguntando a hum capitão seu geral que se chama de Gala (Degalhân) se avia outro rio naquella paragem, dize que avante certos dias de caminho onde elle fora arrecadar renda del Rei achara outro rio grande, onde viram homens branquos con huma fortaleza

⁽¹⁾ CARL CLAUD VON DER DECKEN, *Reise in Ostafrika in den Jahren 1859 bis 1865*, Leipzig und Heidelberg, 1871-79.

⁽¹⁾ CAMILLO BECCARI, *Rerum aethiopicarum scriptores occidentales*: vol. X. *Relationes et Epistolae variorum*, Pars I, liber I, Roma 1920, pág. 32.

de madeira feita, donde os Portuguezes infiriram que *era o rio donde Francisquo Pereira Pestana se perdera vindo de Portugal em huma nao no tempo de Nuno da Cunha*; e indo mais pola terra dentro vieram ali ter huns mouros tributarios del Rei; e quando viram os Portuguezes branquos e com barretos vermelhos e pretos na cabeça e as barbas compridas dixerão que tres dias punham de sua terra e hiam homens tratar e merquear con elles vendendo roupa branca e pintada, e que eram branquos e se parecião muito com elles.»

Não resta nenhuma dúvida: o rio que vem de Berbera para Mogadiscio é o Uebi Scebeli; o outro deve ser o Giuba. Neste rio, portanto, «se perdera» Francisco Pereira Pestana, antecedendo em três séculos o sacrificio de Von der Decken. Impele-o uma sugestão possivelmente semelhante. Nos Comentários de Afonso de Albuquerque ⁽¹⁾, depois de narrados os feitos praticados por Tristão da Cunha, em 1506, em Brava, acrescenta-se: «Nesta cidade he o principal trato della (roupa) e de outras muitas mercadorias, porque vera ter aqui hum rio muy grande, que córta a terra toda, e não sai ao mar, e por este rio navegam os mercadores desta terra para muitas partes, e vam ter dali a huma feira, que se faz em Manamotapa, que he o sertão de Cofala, onde levam esta roupa de Cambraia e Enfião, sandalos, e agoa rosada, e outras mercadorias, em que fazem grandes proveitos, e de lá trazem mouro e outras mercadorias, e todos os lugares do sertão navegam per este rio, e vem ter a Brava, o qual estara a meia legoa do mar, e por causa deste rio se fez esta Cidade tão nobre, e tem muitos e bons edificios.»

O rio que fica por trás de Brava e que não chega ao mar é o Uebi Scebeli; mas, como se sabe, êste desce precisamente em direcção ao Giuba, desaparecendo a pouca distância dêle. Brava (como já se viu ao resumir a viagem de Bottego) considerava-se o grande empório comercial na foz do Giuba; é êste o rio navegável, o verdadeiro caminho por que se penetra no interior.

Quem foi Francisco Pereira Pestana? Êste nome figura freqüentemente nas *Decadas* de João de Barros e nas *Lendas* de Correa.

Pestana, segundo mencionam os dois autores, partiu de Lisboa em 1508 com a frota de Jorge de Aguiar; era destinado

ao comando de Chilna, na costa de Zanzibar, onde se conservou até 1512, passando depois para as Índias. Voltou a Portugal e em 1621 dirigiu-se novamente às Índias, onde foi governador de Gôa. Foi, ao que parece, homem de temperamento difficil: «homem forte de condição», «nas cousas de cavalleria era de huma condição forte, e lingua aspera pola confiança que tinha de si», diz João de Barros. Relativamente aos sistemas administrativos, é bastante eloquente um episódio narrado por Correa: dom Vasco da Gama, persuadido do seu mau govêrno, tirou-o do comando de Gôa, e, sem o ouvir, condenou-o a pagar quanto a gente do país o acusa de ter desviado; por fim êle apresenta-se ao Vice-Rei e diz-lhe: «Senhor, ja que me roubão minha fazenda demandando-me o que nom devo, peço a vossa senhoria que nom mande dar juramento a ninguem, mas que francamente se pague quanto me pederem, e eu mandarei apregoar que quem quiser o dinheiro de Francisco Pereira que o vinha pedir.»

Foi também bravo marinheiro e bravo soldado. A única notícia segura que dêle tenho é de 1526. A armada de Nuno da Cunha, mencionada no referido passo de Barzeo, é de 1628. Êste ex-governador de Chilna e de Gôa é aquêle que «se perdera» no Giuba? Estou certo de que um historiador Português, tendo à disposição meios de informação mais numerosos e mais vastos do que os meus, poderia facilmente resolver a questão, e alargar as investigações feitas acerca de Francisco Pereira Pestana. E, em primeiro lugar, como entender a expressão «se perdera» do nosso jesuíta? Perdeu-se somente o navio, ou depois de 1528 desapareceu também o personagem? Se interpreto exactamente a passagem de Barzeo, no sentido de que deve attribuir-se a um Português o direito de poder orgulhar-se da primeira tentativa de exploração do Giuba, a investigação mereceria ser aprofundada; e considerar-me-ia feliz de tê-la promovido.

O Giuba conservou ainda por muito tempo o seu segredo. Poderia êste ter sido desvendado se tivessem sido melhor escutadas as instruções que Filipe II deu ao Vice-Rei Martins de Albuquerque e Francisco da Gama, Filipe III ao Vice-Rei Hieronino de Azevedo, e ainda em 1626 Filipe IV a Francisco da Gama ⁽¹⁾, no sentido de que fôsse estudado o acesso à Abissí-

⁽¹⁾ BECCARI; *op. cit.*, pág. 380, 390, 395, 409; — vol. II, pág. 381; — vol. III, pág. 169.

⁽¹⁾ *Comentários do Grande Afonso Dalbuquerque*, Lisboa 1774, I, pág. 59.

nia por Melinde, por Brava, por Mogadiscio. É estranho que na correspondência (pelo menos naquela que me foi dado conhecer) nunca tenha aparecido qualquer referência a Francisco Pereira Pestana. Numa carta do Vice-Rei Francisco da Gama, do ano de 1624, dirigida ao rei, encontra-se a notícia de que navegavam comerciantes «pelo rio Jubo que he junto a Brera naquella costa» ⁽¹⁾. Auxiliados precisamente por tais comerciantes, esperavam chegar naquêlê mesmo ano às terras do rei Suemós dois Jesuítas ⁽²⁾, um de Lisboa, Jerónimo Lôbo, e outro de Fontarabin, na Biscaia, João de Velasco: mas as guerras que se travavam entre as tribus do lugar impediram a tentativa. O grande rio africano conseguiu ficar até aos nossos dias inviolado pelos Europeus. Mas não podemos deixar de prestar honras a quem, não sendo embora coroado pela fortuna, se lançou na difícil aventura.

CARLO CONTI ROSSINI

Académico de Itália

⁽¹⁾ BECCARI, *op. cit.*, vol. III, pág. 37.

⁽²⁾ BECCARI, *op. cit.*, pág. 75 e seg.